

VIII-015 - RESÍDUOS SÓLIDOS EM UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

Josefa Lopes Galvão Giminiano da Silva⁽¹⁾

Licenciada em Letras (Instituto de Letras e Artes de Mossoró/RN). Professora do Ensino Fundamental.

Roselene de Lucena Alcântara

Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA – *Campus Angicos*).

Endereço⁽¹⁾: Rua Gamaliel Martins Bezerra, 587, Bairro Alto da Alegria - Angicos - RN - CEP: 50515-000 - Brasil - Tel: (84) 3317 – 8520 Ramal 2005 - e-mail: roselene@ufersa.edu.br; josefalopesgalvao@hotmail.com

RESUMO

Estudiosos como Freire (1980, 2006), Gein; Violini; Silva; Franco (2007), Gomes Filho; Batista; Boneto; Gottardo, (2007) Castro e Pelicioni (2007) têm alertado para a importância do ambiente escolar, considerando-o um dos principais espaços para se pensar e se colocar em prática estratégias que busquem a construção de conhecimentos, de processos de ensino-aprendizagem voltados ao questionamento, à reflexão, ao envolvimento e à preparação dos alunos para intervir nas questões socioambientais. Com essa compreensão, o trabalho ora apresentado objetivou refletir sobre o tratamento dado aos resíduos sólidos pelos sujeitos da pesquisa, alunos de uma escola privada situada na cidade de Angicos/RN. Para tanto, adotando os fundamentos da pesquisa qualitativa de natureza interpretativista, foram utilizadas entrevista semiestruturada e a observação participante como procedimentos metodológicos, dirigidas aos alunos da referida escola. As perguntas feitas eram de cunho reflexivo. Os resultados demonstram a necessidade de um trabalho sistematizado, que provoque atitudes conscientes no tratamento como os resíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Escola, Resíduos.

INTRODUÇÃO

É inegável o destaque que o ambiente escolar ocupa quando se pensa em Educação Ambiental. Defendendo essa ideia, Pelicioni (2007, p.157) afirma que, na medida em que a escola executa a efetivação de um trabalho de intervenção metódica, planejado e controlado, estabelece um espaço privilegiado para o desenvolvimento da Educação Ambiental.

Nessa linha, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1999 apud GOMES FILHO, BATISTA E GOTTARDO, 2007, p.471), assevera que “a educação é o meio mais eficaz que a sociedade possui para enfrentar as provas do futuro e moldar o mundo de amanhã”.

Também Paulo Freire (2006, p. 25), educador brasileiro, alia educação à mudança, na medida em que a metodologia educativa válida é aquela que considera o homem como sujeito da educação e o contexto no qual ele vive. Para esse estudioso, educar e educar-se é tarefa daqueles que sabem que poucos sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar, a saber, mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando se pensar que nada sabem em saber que poucos sabem, possam igualmente saber mais.

Nesse sentido, Freire (2006, p. 27-28) continua afirmando que:

Conhecer, na dimensão humana, [...] não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em aprendido,

com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido - aprendido a situações existenciais concretas.

A consciência da relevância dessas ideias e a nossa inquietude diante da realidade concernente ao destino dado ao resíduo sólido no ambiente escolar, foram o motor deste estudo, provocando a necessidade de conhecermos mais sobre Educação Ambiental e motivando a buscarmos entender as atitudes dos alunos com relação aos resíduos, proporcionando a reflexão sobre essas atitudes, possibilitando instaurar processo de conscientização e desenvolvimento de atitudes saudáveis. Contribuindo assim, para um trabalho voltado para a preservação do meio ambiente e para o aprimoramento de uma consciência ecológica em nossos educandos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Instituição escolhida para o desenvolvimento do estudo é uma escola particular, localizada no município de Angicos, semiárido potiguar. Na época da pesquisa, atendia a 266 alunos, distribuídos em 35 alunos da Educação Infantil, 139 alunos do 1º ao 5º ano e 92 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Embasados nos fundamentos da pesquisa qualitativa de natureza interpretativista e observação participante, constituímos o banco de dados por meio de entrevistas realizadas com alunos da escola pesquisada. A escolha por esse percurso metodológico decorre da compreensão de que “os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN; LINCON, 2006, p. 23).

Os 92 indivíduos que fizeram parte da pesquisa são discentes do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, observados durante 04 semanas. Destes, 06 alunos foram selecionados para a entrevista, apresentando faixa etária entre 10 e 14 anos. Assumimos com eles e com os seus respectivos pais o compromisso de resguardar o anonimato deles, para evitar quaisquer tipo de problemas. Assim, para os identificarmos, usamos as expressões: aluno 01, aluno 02, aluno 03, aluno 04, aluno 05 e aluno 06.

As perguntas que compunham a entrevista eram semiestruturadas e giravam em torno de questionamentos que provocavam a reflexão sobre a percepção dos entrevistados aos resíduos gerados, durante o intervalo das aulas. A escolha do campo empírico decorre do nosso interesse por conhecer mais a realidade da escola na qual trabalhamos, concernente à percepção dos entrevistados aos resíduos gerados por eles mesmos. A nossa intenção é que, conhecendo melhor essa realidade, possamos agir no sentido de elaborarmos e aplicarmos estratégias futuras que possibilitem um tratamento adequado aos resíduos gerados no ambiente escolar.

Os dados relatados, nesse campo, são descritos e interpretados pelo ponto de vista processual. Assim, nosso interesse maior é “pelo processo do que simplesmente os resultados ou produtos” (BODGAN; BIKLEN, 1994, p. 49), constituindo um “processo complexo, não linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que se inicia na fase explanatória e acompanha toda a investigação”. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 170).

Assim sendo, situando o nosso olhar no processo de coleta de dados, vislumbramos apreender os significados subjacentes às respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa, cuja interpretação demonstra apenas parte desse processo, necessária à compreensão da realidade e voltada para atender aos propósitos deste estudo.

RESULTADOS

Os 92 sujeitos que fizeram parte da pesquisa são discentes do 6º ao 9º anos do ensino fundamental com os quais convivemos diariamente no período matutino, de segunda a sexta-feira, sobretudo pelo fato de ministrarmos, nas salas de aula desses alunos, as disciplinas de Língua Portuguesa e Ensino Religioso.

Observamos, durante 04 semanas, a prática desses alunos, com relação à percepção quanto aos resíduos gerados por eles mesmos durante o intervalo das aulas e percebemos inúmeras ações que denotavam falta de conhecimento com as questões ambientais. Entre as mais constantes estavam jogar os resíduos no chão, mesmo estando próximos aos coletores adequados para tal atividade. Também era constante, por parte daqueles que

usavam esses coletores, a não separação adequada ao tipo de resíduos, por vezes plástico, orgânico e papel eram colocados juntos, sem haver a devida separação.

A entrevista, concebida como prática discursiva, como ação, isto é, como interação que “se dá em certo contexto, numa relação negociada” (SPINK; MENEGON, 2000, p. 189), foi aplicada com 06 dos 92 discentes que compõem as turmas investigadas. Foram esses 06 alunos que, quando questionamos sobre suas ações, responderam as perguntas e permitiram que suas respostas fossem explicitadas neste estudo.

As respostas atribuídas às perguntas pelos discentes são expressas e interpretadas a seguir.

Partindo da premissa de que inexiste a Educação Ambiental caso ela não se concretize na práxis, na vida, no dia a dia das pessoas, se ela não transformar, a priori, o ser humano e depois os espaços, a partir das necessidades sentidas e/ou vivenciadas (PELICIONI, 2007), passamos a interpretar os dados construídos na pesquisa de campo.

Do que foi observado, ficou evidente que a maioria dos alunos suja o ambiente escolar indiscriminadamente ao dispor os resíduos gerados em qualquer local e não naquele local adequado aos resíduos. A escola, limpa e organizada no início das aulas, muda todo o panorama após as 09h e 30min da manhã, horário em que se inicia o intervalo.

Os alunos, quando levados a refletir, por meio das perguntas feitas durante a entrevista, sobre eles serem os criadores e causadores da sujeira no ambiente escolar ao dispor os resíduos gerados em qualquer lugar, reagiam de diversas formas. Alguns falavam que era obrigação dos Auxiliares de Serviços Gerais limparem a sala de aula; outros diziam que não costumavam fazer aquilo com frequência; outros reconheciam o erro e se comprometiam que, daquele momento em diante, jamais agiriam do mesmo modo, pois conheciam o quanto o meio ambiente clama por socorro e que, se não o socorrerem imediatamente, as próximas gerações serão as grandes sofredoras de ações realizadas por eles nos dias atuais.

Ao serem surpreendidos jogando o resíduo em lugares indevidos, questionamos “Por que você fez isso?” Os alunos 01 e 02 responderam com outra pergunta: “*Isso o quê?*”. E nós respondemos, “*Jogando resíduo no chão*”, afirmamos. Diante disso, o aluno 01 diz: “*Porque é o lugar mais perto*”.

Notamos na fala desse aluno a falta de conscientização e o desrespeito ao meio ambiente e às pessoas que zelam pela limpeza da escola. Esse comportamento inadequado pode refletir, também, fora do ambiente escolar e trazer prejuízos à vida desse discente e das pessoas que estão em seu entorno. Isso denota, pois, que esse estudante carece de informações e aulas de Educação Ambiental que os estimule a praticar ações individuais e coletivas, permanente e responsável, de preservação do equilíbrio do meio ambiente e o desenvolvimento da conscientização de que a defesa da qualidade ambiental é um valor inseparável do exercício da cidadania.

Já o aluno 02 responde: “*Porque errei o cesto*”. Essa resposta, a exemplo da do sujeito 01, demonstra falta de conscientização e de respeito. Na fala desse aluno é perceptível o tom de “brincadeira” que traz a tona o descompromisso desse discente com o ambiente escolar e com o ser humano. Diante disso, é possível afirmar que a escola deve investir fortemente em atividades que possibilitem um processo de sensibilização e conscientização para o exercício de práticas de valorização à pessoa humana e à natureza, ou seja, práticas cidadãs. Isso implica que, como afirma Reigota (1998, apud CASTRO; PELICIONI, 2007, p. 17): “O desafio da construção de uma cidadania ativa se configura como elemento determinante para constituição e fortalecimento de sujeitos cidadãos que, portadores de direitos e deveres, assumam a importância da abertura de novos espaços de participação.”.

Nesse sentido, é evidente que o aluno 02 necessita vivenciar práticas educativas que favoreçam uma Educação Ambiental que desperte nele a responsabilidade e o compromisso com a sua participação cidadã. Em resposta a pergunta: “*Por que você fez isso?*”, o aluno 03 respondeu: “*Porque tenho preguiça de localizar o cesto*”.

O aluno 06 dá resposta semelhante. Vejamos: “*Porque estava com preguiça de levantar-me para jogar no cesto*”. É relevante informar que o aluno 03 se encontrava no corredor próximo às salas de aula e que dá acesso

ao pátio da escola e que há coletores tanto nas salas de aula quanto no pátio e o aluno 06 estava sentado em um banco no pátio. Assim sendo, não havia nenhuma dificuldade em localizar os coletores. É, pois, preocupante que adolescentes sintam-se sem energia para praticar a simples ação de dar poucos passos para colocar o resíduo gerado por eles mesmos no devido lugar. Acreditamos que se eles dessem a devida importância a esse ato, o fariam com disposição.

O aluno 04 nos surpreende com a resposta. Vejam o que ele respondeu ao ser questionado sobre “*Por que você fez isso?*”: “*Porque não tinha noção do que estava fazendo*”. E comentou que o ato de jogar o resíduo no chão foi involuntário, algo que fez por impulso, sem refletir sobre a ação. Percebemos nessa fala uma abertura significativa ao desenvolvimento de ações conscientes que conduzam a participação ativa em questões que coadunem conhecimento e incorporação de práticas saudáveis.

Como afirmam Castro e Pelicioni (2007), a construção dessa participação, por conseguinte, será feita por meio da Educação Ambiental, que vai permitir que as pessoas congreguem conhecimento, valores, inovem seu modo de vida, incorporando-se de uma nova ética, desencadeando meios que os tornem capazes de relacionar causas e decorrências dos problemas ambientais, debater sobre estas questões, estabelecer adiantamentos, deliberar e exercer sua representatividade, buscando prioritariamente o desenvolvimento sustentável.

O aluno 05, no momento da entrevista, havia tomando de empréstimo uma lapiseira e estava apontando o lápis deixando cair o “resíduo” no chão. Ao ser questionado “*Por que você fez isso?*” respondeu: “*O vento derrubou a lapiseira e o lixo caiu. Quem tem que apanhar é o dono da lapiseira e não eu*”.

A falta de conscientização desse aluno é perceptível, ele não só pratica a ação inadequada de jogar “o resíduo” no chão, como também passa para o outro a responsabilidade que lhe caberia - tomar para si a responsabilidade do ato. Isso traz a tona o fato de que há muito que ser feito na escola.

Diante do que foi observado e do que foi diagnosticado nas entrevistas, nos propusemos a trabalhar com os alunos noções sobre Educação Ambiental. Assim, dedicamos parte das nossas aulas para tratar dessas questões. Nesse intento, centralizamos nosso trabalho na conservação e/ou preservação no meio ambiente, notadamente o escolar, focalizando os três “Rs”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Nossa escolha por esse foco foi motivada por desenvolver um processo de Educação Ambiental que provocasse a sensibilização e a conscientização com a forma adequada de dispor os resíduos gerados, tanto naquele ambiente como em outros. Nessa linha, unindo conhecimentos teóricos e práticos, trabalhamos o primeiro “R” demonstrando que diminuir a quantidade de resíduo gerado é sem dúvida *reduzir* o que consome-se. Consumir não é essencialmente adquirir alimentos, e sim produtos para qualquer intento. Frequentemente adquirem-se coisas que não necessitam, e ficam-se dias, meses e anos empilhando-se “tranqueiras” até quando decidem-se renovar tudo e joga-se todas as respectivas “tranqueiras” fora ou se passa adiante quando um outra pessoa deseja usá-la.

CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES

Somos conscientes de que apesar de estudos, discussões e pesquisas em torno do tema “resíduos”, como estes que acabamos de desenvolver, ainda muito têm que ser feito para conservação e preservação do meio ambiente. Diante do exposto, pode-se verificar que o processo educativo estabelece uma conexão entre os objetivos propostos e as condições em que se dá o ensino-aprendizagem, pois não há ensino sem a aprendizagem. Nessa perspectiva, a abordagem usada em programas de Educação Ambiental deve ser: participativa, transformadora e considerar o conhecimento já existente no indivíduo (GEIN *et al.*, 2007).

A importância da Educação Ambiental está no processo volvido para demandas que buscam mais particularmente a conscientização de atitudes saudáveis, relacionadas com a forma correta de dispor os resíduos, e quais podem ser reciclados. Apesar de conscientes sabedores que estes não se compõem uma solução total para o problema dos resíduos gerados. Eles tão somente tornam-se mínimas as consequências.

Mas o crescimento dos problemas ambientais ocasionando a diminuição da qualidade de vida justifica a necessidade de uma ação imediata e permanente da Educação Ambiental em todos os ambientes coletivos.

Dessa forma, há necessidade de soluções mais rápidas que resultem em mudanças de hábitos e valores visando à melhoria das condições vitais dos seres humanos rumo à sustentabilidade.

É nosso desejo que os alunos sujeitos da nossa pesquisa tenham despertado, como demonstrado em suas falas, para a necessidade de mudanças de hábitos e valores em relação à forma de lidar com os resíduos gerados tanto no ambiente escolar como em outros.

AGRADECIMENTOS

Aos órgãos de fomento que financiaram o Curso de Especialização em Sustentabilidade para o Semiárido (CESSA), Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), ao Instituto Nacional do Semiárido (INSA) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Edital MCT-INSA/CNPq/CT-Hidro/Ação Transversal nº 35/2012 – Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Brasileiro).

À instituição executora do curso, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), *Campus Angicos*.

Aos professores e às professoras do curso.

Aos professores e alunos da escola objeto do estudo de caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais. São Paulo: Pioneira, 1998.
2. BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Porto Cordex, Portugal: do Porto, 1994.
3. BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de Abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 abr. 1999.
4. CASTRO, M. L. de.; PELICIONI, M. C. F. Fundamentos históricos e epistemológicos da questão ambiental. In: PELICIONI, M. C. F.; PHILIPPI Jr., A. (Orgs.). Educação Ambiental em Diferentes Espaços. São Paulo: Signus, 2007.
5. DENZIN, N. K.; LINCON, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2006.
6. FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 13 ed., São Paulo: PAZ E TERRA, 2006.
7. GEIN, E. A. T.; VIOLINI, F. G.; SILVA, R. S. da.; FRANCO, R. G. F. Uma análise de Programa de Educação Ambiental em Embu-SP. In: PELICIONI, M. C. F.; PHILIPPI Jr., A. (Orgs.). Educação Ambiental em Diferentes Espaços. São Paulo: Signus, 2007.
8. GOMES FILHO, M.; BATISTA, M. de O.; BONETO, R. M. C. G.; GOTTARDO, R. M. S. Promovendo educação ambiental em empresa de saneamento: SABESP. In: PELICIONI, M. C. F.; PHILIPPI Jr., A. (Orgs.). Educação Ambiental em Diferentes Espaços. São Paulo: Signus, 2007.
9. PELICIONI, A. F. Avaliação diagnóstica para projeto de educação ambiental em escola. In: PELICIONI, M. C. F.; PHILIPPI Jr., A. (Orgs.). Educação Ambiental em Diferentes Espaços. São Paulo: Signus, 2007.
10. SPINK, M. J. P.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos, In: SPINK, M. J. (Org.) Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000. p. 63 – 92.